

# LINGUAGEM E IDEOLOGIA NOS QUADRINHOS: O CASO DO CAPITÃO AMÉRICA

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)  
[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**Cada ideologia tem a inquisição que merece.**  
(Millôr Fernandes)

## 1. *Introdução*

Durante muito tempo falar de quadrinhos era sinônimo de tratar de um assunto exclusivo do universo infantil. Mas com a visibilidade que eles conseguiram, tal conceito mudou e têm surgido diversos artigos, livros e teses analisando a sua importância e fazendo uma interface com outras áreas. Principalmente depois que se tornarem “um alimento de consumo de massa para os cidadãos de todo mundo, influenciando na sua cultura, sua língua e seus costumes, modelando seus gostos e suas inclinações” (MOYA, 1970, quarta capa).

Nossa proposta é fazer uma breve reflexão sobre um personagem das histórias em quadrinhos, o Capitão América, e sua relação com a questão ideológica.

## 2. *Linguagem: definições*

Para muitos o século 20 foi chamado o século da linguagem, tanto que a “linguagem tem sido o tema por excelência da filosofia contemporânea” (ARAÚJO, 2004, p. 19).

No século 18, a linguagem era definida como uma expressão do pensamento humano, conforme Arnauld e Lancelot em *Lógica ou arte de pensar*.

Por outro lado, a linguagem foi definida como um instrumento de comunicação. A partir dela diz-se que a língua é um código que estabelece a comunicação entre o emissor e o receptor. É o que vemos na obra de Roman Jakobson, que foi muito criticada principalmente porque além da partilha entre o emissor e o receptor de um mesmo código, eles precisam pertencer à mesma cultura e precisam de conhecimentos relativamente comuns.

No século 20, principalmente nas últimas décadas, a linguagem passou a ser analisada como uma forma de interação. Nesse sentido, a linguagem não é utilizada apenas para exteriorizar o pensamento ou no estabelecimento da comunicação, mas para a realização ação, para atuar sobre o outro, para interagir, tudo isso dentro de um contexto social, histórico e ideológico.

Bakhtin (2002, p. 70) comenta sobre o contexto social que “para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som – bem como o próprio som, no meio social”.

Tal definição é utilizada em diversas correntes que estudam a linguagem. Entre elas, a linguística textual, a análise do discurso, a análise da conversação, a semântica argumentativa e a pragmática.

Para o presente artigo, usaremos a definição de linguagem que a apresenta como um sistema de sinais pelos quais os sujeitos interagem entre si, afetado por fatores históricos e sociais. Além disso, a linguagem pode ser classificada de acordo com o sistema de sinais que ela utiliza: (a) verbal – aquela que utiliza palavras na comunicação e (b) não verbal – aquela que vai utilizar sinais como cores, gestos, desenhos, sinais sonoros e outros.

### **3. *Ideologia: definições***

Numa perspectiva marxista, a ideologia é um fenômeno social, que tem origem nas condições econômicas da sociedade.

(...) na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. (...) Em certo estágio do desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. (MARX, 1983, p. 24-25)

Nesse sentido, a ideologia se materializa através de prescrições que se impõem ao homem como verdades que explicam as condições de existência do indivíduo, mascarando a sua realidade.

Existem outras concepções de ideologia, que são amplamente difundidas. Destacamos a seguir tais definições.

Em seu sentido original, a ideologia é a ciência que tem por objetivo o estudo das ideias, ou seja, os fatos da consciência. O conceito foi criado por Destutt de Tracy, em 1801, no livro *Projeto de Elementos de Ideologia*. É apenas em meados do século 19 que Marx e Engels deram um sentido político à ideologia.

Por outro lado, há o sentido pejorativo para a ideologia. Nesse sentido, ela corresponde às ideias que estão deslocadas em relação aos fatos. Daí, ela pode ser confundida com uma mentira ou uma utopia. Logo o termo ideólogo, refere-se ao indivíduo que almeja uma sociedade em outras bases. Provavelmente, Cazuza usou a expressão nesse sentido.

Algumas pessoas ainda usam o termo em seu sentido pejorativo quando se referem ao pensamento teórico desenvolvido sobre os seus próprios dados, dificultando a sua aplicação, o que impede uma explicação clara da realidade.

Há ainda o sentido doutrinário para ideologia. Nesse caso, ela é entendida como o conjunto de ideias que exerce influência sobre grupos sociais e legitima formas de ação. Nessa definição, a ideologia visa convencer para ganhar adeptos a doutrinas políticas, econômicas, filosóficas, religiosas, morais, inspirando governos e partidos.

O último sentido que interessa para nossa discussão é o linguístico. Para a análise do discurso de linha francesa, criada por Michel Pêcheux, a ideologia é o processo de naturalização dos sentidos, ao ponto de se tornarem naturais, passando a serem tomados como verdades na sociedade.

Para Fiorin (2002, p. 29), “não há um conhecimento neutro, pois ele sempre expressa o ponto de vista de uma classe a respeito da realidade”. Logo, a ideologia é uma visão de mundo que todos estão inseridos.

A formação ideologia é tão forte que vai governar a formação discurso, conforme veremos a seguir.

#### **4. *Discurso: a relação entre a linguagem e a ideologia***

É através das variadas manifestações da linguagem que o homem expressa suas ideias. Assim, tudo o que o homem pensa ou sente se manifesta através de signos.

O signo é carregado de ideologia. Para Bakhtin (2002), todo signo é ideológico, por exemplo, um pão é um alimento, mas pode também ser um signo ideológico quando é usado para representar o corpo de Cristo em cerimônias religiosas. Logo, “o signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e retrata uma outra” (p. 32). Assim pode-se afirmar que todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode se tornar um signo. Mas para um objeto se torne um signo é necessário que ele esteja ligado às condições socioeconômicas de uma determinada sociedade, ou seja, para se estabelecer um sistema de signos é preciso que se forme uma unidade social, onde os signos criados a partir da interação social – sua materialização.

Para Fiorin (2002) a linguagem é uma instituição social, que veicula ideologias e media a comunicação entre os homens, sendo determinada pelas condições sociais, com certa autonomia em relação às formações sociais. Ele nos lembra de que o pensamento tem caráter conceitual e não pode existir fora da linguagem.

Se para Bakhtin, os signos são o alimento da consciência, para Fiorin, ela é formada pelo conjunto de discursos que o indivíduo interioriza ao longo de sua vida. Logo, o pensamento se materializa na consciência apoiado no sistema ideológico. Ocorrendo uma modificação nas formas de organização ou interação social ela gera uma modificação do signo. Por isso, Fiorin diz que a formação discursiva materializa a formação ideológica e, conseqüentemente, as alterações nas relações de produção podem produzir mudanças nas formações ideológicas e discursivas.

Quando o falante fala ou mesmo escreve, ele manifesta sua interpretação do mundo, escolhendo os signos que expressam sua visão da melhor maneira, recortando os discursos e formando o seu próprio, formulado a partir de suas crenças, verdades, ideias, em outras palavras, sua formação ideológica.

Uma Formação Ideológica deve se entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo

de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. (FIORIN, 2002, p. 32)

Assim, é preciso entender outro termo, o “discurso”. Sendo um termo polissêmico, o discurso **não é**:

- fala corrida;
- texto oral;
- fala política;
- texto.

O discurso é:

- Efeito de sentido entre interlocutores;
- É o lugar da observação dos efeitos da inscrição da língua sujeita a equívoco em determinado momento histórico (no aspecto teórico);
- Lugar em que a ideologia se materializa.

Mussalim (2001) resume bem ao dizer que “o discurso (...) é um ‘aparelho ideológico’ através do qual se dão os embates entre posições diferenciadas.”

Para Fiorin, as ideologias são veiculadas nas sociedades através do discurso, por isso ele faz a distinção entre discurso e fala. O discurso trata de combinações de elementos linguísticos usados para expressar pensamentos e agir sobre o mundo, a fala é a exteriorização psicofísico-fisiológica do discurso, sendo rigorosamente individual.

Outro termo que precisa ser definido é o “texto”. Entre as várias definições, podemos destacar algumas, com base em Fiorin:

- Representação linear e bidimensional;
- Domínio da análise; materialidade linguístico-histórica (esta última não é entendida como contexto factual sócio-histórico, mas como inter-discusividade);
- Forma material, como textualidade, manifestação material concreta do discurso;
- Conjunto de formulações entre outras possíveis;
- Apresenta-se imaginariamente como uma unidade na relação entre os

sujeitos e os sentidos.

Nesse sentido podemos entender que o texto mantém relação com outros textos, com suas condições de produção, com a sua exterioridade constitutiva.

### **5. *O sujeito, a linguagem e a ideologia***

O sujeito do discurso é uma entidade psicossocial, sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro.

O “eu” é na medida em que interage com o “outro”. O “outro” dá a medida do “eu”. A identidade se constrói na relação dinâmica com o “outro”.

A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. Esta é para mim, uma afirmação fundamental para quem trabalha a análise de discurso. (ORLANDI, p. 100)

A noção de sujeito no âmbito dos estudos da linguagem não é unânime. Sua definição depende da corrente teórica que quer seguir. Aqui adotamos uma abordagem textual-discursiva.

Para Bakhtin o discurso tem natureza política, lutando pelo poder no discurso. Embora seja um poder implícito nos discursos, ele vem mascarado de modo que não seja percebido pelos indivíduos. Assim, tal poder é disfarçado nas práticas discursivas moldando e reinstrumentalizando os sujeitos, para ajustá-los à necessidade da classe dominante.

Para Fiorin, portanto, o falante é visto como suporte do discurso e não como agente. O agente do discurso são as classes e as frações de classes sociais. O indivíduo apenas reproduz os discursos que assimilou durante sua formação. “O indivíduo não fala e não pensa o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (p. 43).

Para alguns autores, o sujeito pode contestar e reestruturar a dominação e as formações sociais mediante a prática, por que ele não é passivo. Assim o sujeito é moldado pelo discurso, mas também são capazes de remodelá-los e reestruturá-los.

## **6. A questão ideológica nos quadrinhos: o caso do Capitão América**

As histórias em quadrinhos são também chamadas de Nona Arte. E durante muito tempo elas eram muito mal vistas, mas atualmente, com o sucesso das adaptações para o cinema tal noção mudou bastante, inclusive, sendo utilizadas em sala de aula por diversos professores, em alguns livros didáticos, nas provas de vestibular, inclusive nos parâmetros curriculares nacionais (PCN) e até a distribuição de adaptação no ensino fundamental.

Do ponto de vista da linguagem, as histórias em quadrinhos utilizam a linguagens mistas, ou seja, além de palavras utilizam outros sinais, como desenhos, cores, onomatopeias e outros. Ramos (2009, p. 20) chega a propor que os quadrinhos são um hipergênero, que agrega outros gêneros, dada a sua amplitude de classificação.

A questão ideológica nos quadrinhos pode ser vista claramente a partir da vocação das duas maiores editoras norte-americanas da área: a DC e a Marvel.

A DC, beirando oitenta anos de sua fundação, apresenta uma visão mais ligada à “esquerda”, os democratas. Suas histórias são ambientadas em cidades fictícias, tais como Metrópolis, Gotham e outras, dando mais liberdade para criação e questionamento. Tal ligação pode ser percebida quando o ex-presidente George W. Bush assumiu a presidência dos Estados Unidos coincidiu com a posse do arqui-inimigo do Superman no cargo nos quadrinhos. Quando Bush deixa a presidência, Luthor é deposto na ficção. Entre seus principais personagens, podemos destacar: Superman, Batman, Mulher-Maravilha e outros.

Já a Marvel, com cinquenta anos de existência, tem uma visão de mundo mais voltada para a direita norte-americana, os republicanos, suas histórias se passam em um mundo com ligações com o real. A maioria delas está ambientada em Nova Iorque, inclusive, foi a primeira editora a retratar nos quadrinhos o atentado de 11 de setembro. Seus principais personagens são: Homem-Aranha, Capitão América, X-men, Hulk etc.

Vejamos o caso de um personagem carro-chefe da última editora: o Capitão América. De acordo com uma publicação oficial da empresa,

Nascido durante a Grande Depressão, Steve Rogers cresceu doente e frágil na cidade de Nova York. Apesar de suas limitações econômicas e físicas, trabalhou duro para se sustentar. Quando as filmagens jornalísticas sobre a 2ª Guerra Mundial chegaram aos Estados Unidos vindas da Europa, ficou horrorizado com as cenas dos nazistas dominando o continente e perseguindo aque-

les que se opunham a eles. Decidido a alistar-se no Exército, Rogers foi rejeitado devido às suas enfermidades físicas. (*Enciclopédia Marvel*. Vol. 1, p. 13)

A descrição do herói é de um jovem cheio de ideais, com horror aos absurdos da guerra na Europa e que deseja lutar contra a injustiça, apesar da dificuldade financeira e física. Mas é impedido de lutar ao lado de seus compatriotas por causa da sua saúde, até que ele chega ao ponto de se tornar uma cobaia em uma experiência militar, conforme fragmento abaixo.

Entreouvindo os protestos do rapaz, o general Chester Phillips, ofereceu-lhe uma vaga num experimento biológico ultrassecreto, a Operação Renascimento. Determinado a colaborar com o esforço de guerra, Rogers impetuosamente aceitou a oferta. Após semanas de testes e treinamento, ele recebeu uma dose do Soro do Supersoldado, ainda que em fase experimental, e foi exposto a radiação de baixa intensidade para ampliar a eficácia da fórmula. Rogers emergiu do tratamento com um corpo perfeito. Seguindo um extensivo treinamento de combate e extremo condicionamento físico, Rogers foi incumbido de tornar a arma suprema do Exército – e a encarnação de luta da América. (*Idem*)

No fragmento acima nota-se que o jovem aceita participar de tal experiência de forma “impetuosa”, sem duvidar do oficial militar, aceitando até mesmo receber cargas de radiação para se tornar um soldado perfeito para lutar pelos ideais de seu país.

Logo o personagem já estava vestido com a bandeira dos Estados Unidos em seu uniforme e lutando contra as forças do eixo com uma preocupação de reafirmar para o mundo o lema “America for Americans”. Veja a capa abaixo e note que o personagem aparece uniformizado em seu lançamento em março de 1941 socando Hitler, algo que sem dúvida era o sonho de muitas pessoas que viam a barbárie nas notícias.

O sucesso foi tanto que as revistas passaram a ser distribuídas aos soldados nas trincheiras como um elemento motivador.

Mas adiante o texto diz:

Os militares enviaram o supersoldado ao teatro de operações europeu. Servindo como recruta do Exército, Rogers foi transferido de base em base, indo aonde o Capitão América fosse necessário (...) e serviu de modo abnegado como símbolo vivo da nação. (*Idem*)

Agora o leitor sabia que havia uma identidade secreta para o herói e ele se escondia atrás de um uniforme de um “simples” recruta. Assim como o Superman também tinha um alterego que representava o norte-americano comum através do jornalista Clark Kent, qualquer um poderia

se identificar com o Capitão América e ninguém saberia que se tratava do mito capaz de ajudar a derrotar o “mal”.



Sua “única” arma é um escudo simbolizando que ele só ataca para se defender, o que representa muito bem a política norte-americana diante de sua participação em conflitos mundiais.

Depois da Guerra o interesse no herói já não era tanto, ele caiu em ostracismo, por isso a editora resolveu encerrar a publicação da revista. Quando a Marvel foi criada na década de 1960, resolveu-se resgatar o personagem e para isso criou um desfecho para sua participação no conflito mundial e sua volta aos nossos dias.

Durante os últimos dias da 2ª Guerra Mundial, um avião-foguete carregado de explosivos (...) explodiu com o Capitão (...) lançando (...) ileso, nas gélidas águas do Oceano Ártico. O Soro do Supersoldado, combinado com o frio extremo das águas, permitiu ao Capitão sobreviver por anos em estado de animação suspensa. (...)

Desde que surgiu nos dias de hoje, o Capitão foi abraçado pelo povo americano. (*Idem*)

Retomado o personagem continuou sendo o herói que carrega a bandeira no uniforme e defende os ideais norte-americanos acima de tudo. Ele “retomou sua identidade heroica para provar ao mundo que os ideais americanos são maiores do que qualquer administração governamental.” (*idem*)

Hoje a imagem dos Estados Unidos está arranhada e o personagem precisou se adaptar aos novos tempos lutando contra outras ideologias que ameaçam a “democracia”.

As missões atuais do Capitão América frequentemente envolvem indivíduos e grupos que desejariam ver suas filosofias autoritárias sucederem a democracia (...). Heróis mais jovens o veem com respeito, enquanto experientes veteranos frequentemente o procuram em busca de aconselhamento. (*Idem*)

Em 2000, a Marvel percebeu que as histórias de seus personagens estavam muito complexas para leitores esporádicos, afinal a editora possuía mais de 4000 personagens e 40 anos de história. A solução adotada foi criar um novo universo, mais adulto, ousado e até certo ponto inovador, devolvendo os heróis às suas raízes, chamado de linha *Millenium*. Assim, dentro dessa linha, tudo pode acontecer, tornando as histórias mais acessíveis aos novos leitores, livres da continuidade.

Agora o Capitão América é o comanda uma força de ataque “apoiada por cinco mil técnicos e dez mil soldados” (*idem*, p. 235) que protege as pessoas comuns de superameaças.

“O comandante de campo da unidade é o Capitão América (...) líder nato com uma inabalável lealdade a seu país. (...) Melhor linha de defesa da América”. (*Idem*, p. 235)

Em uma de suas primeiras aventuras em sua nova versão, o herói teve que enfrentar uma raça de alienígenas invasores, os chitauris, que estava infiltrada na Terra desde a Segunda Guerra Mundial ajudando os nazistas e foram responsáveis pelo seu congelamento em que o herói desativou uma bomba.

Tal versão do Capitão não é mais o “Sentinela da Liberdade”, agora ele é um soldado em todos os sentidos: sempre pronto para combate, que subjuga ou mesmo mata seu oponente se for preciso. E em uma das sequências mais polêmicas dos quadrinhos dos últimos anos, ele chega a dizer, durante o confronto com os alienígenas: “tá pensando que esse ‘A’ aqui é de França?”, uma clara referência à rendição dos franceses durante a 2ª Guerra Mundial e apontando para coragem inabalável dos norte-americanos, pelo menos na visão da Marvel.

O uso dos alienígenas justifica como os nazistas desenvolveram tanta tecnologia na época. Só assim mesmo para tentarem enfrentar os americanas. Além, quando os extraterrestres são destruídos, a violência é explícita, na cabeça do leitor não há problemas, afinal “não são humanos”.



## 7. Conclusão

A ideologia faz parte das relações humanas, e se manifesta, inclusive, na linguagem. Além disso, ela pode ser encontrada até mesmo nos suportes mais populares do lazer e da diversão dos jovens, como nas histórias em quadrinhos.

O caso que abordamos foi do Capitão América, símbolo máximo, da editora Marvel e de proclamação dos ideais norte-americanos pelo mundo afora desde sua origem, que vão de sua luta contra as forças nazistas, de sua dedicação como rapaz que servir a seu país a qualquer custo, passando pelo seu uniforme.

Quando o mundo mudou o herói foi readaptado para a década de 1960, ele continuava sendo o porta-voz da ideologia norte-americana, proclamando seu padrão pelo mundo, e no século 21 ele passou a ser um soldado, líder de uma força antiterror, que enfrenta organizações inimigas até alienígenas. Só o Capitão América pode nos salvar dos perigos que nos cercam!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso*. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 3. ed., São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios)

MARVEL. *Enciclopédia Marvel*. Vol. 1. São Paulo: Panini, 2005.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MOYA, Álvaro de. *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1970.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In. MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 7. ed., São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni. *Discurso e texto*. Campinas: Pontes, 2001.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.